

# **Negros em festa: a participação dos negros nas festas religiosas em Teresina no final do século XIX**

## **Blacks at party: the participation of black people in religious festivals in Teresina at the end of the 19th century**

**Talyta Marjorie Lira Sousa**

Doutoranda em História na Universidade Federal do Piauí. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí [2012], graduada em História pela Universidade Federal do Piauí [2009], integrante do Grupo de Pesquisa no CNPQ: Memória, Ensino e Patrimônio Cultural e do projeto de pesquisa Memória, Cultura, Identidades e Patrimônio Cultural.

**RESUMO:** Esta pesquisa dedica-se a estudar a vida cotidiana de trabalhadores negros, escravizados e libertos, na cidade de Teresina, capital do Piauí, de 1852 a 1888. Procuramos reconstruir a trajetória dos trabalhadores negros escravizados e libertos na sociedade teresinense, as táticas de inclusão social e cultural por eles utilizadas na cidade, desvelando os espaços de sociabilidade, com destaque para aqueles de ludicidade, a exemplo das festas sacras e profanas, espaços onde se construíram vivências, experiências, e condições de existência. Utilizamos nesta investigação a revisão de literatura, que inclui trabalhos produzidos por Pereira da Costa; Odilon Nunes; Monsenhor Chaves e Clodoaldo Freitas, e a pesquisa documental, desenvolvida no Arquivo Público do Estado do Piauí, onde encontramos a maior parte das fontes como códigos de posturas, relatórios dos presidentes da Província, o Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina; e os documentos sobre a construção da Igreja de São Benedito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Festa, Irmandade de São Benedito, Negros.

**ABSTRACT:** This research is dedicated to studying the daily life of black workers, enslaved and freed, in the city of Teresina, capital of Piauí, from 1852 to 1888. of social and cultural inclusion used by them in the city, revealing the spaces of sociability, with emphasis on those of ludicity, like the sacred and profane parties, spaces where experiences, experiences, and conditions of existence were built. In this investigation, we used a literature review, which includes works produced by Pereira da Costa; Odilon Nunes; Monsenhor Chaves and Clodoaldo Freitas, and the documentary research, developed in the Public Archive of the State of Piauí, where we find most of the sources such as codes of postures, reports of the presidents of the Province, the Commitment of the Brotherhood of the Glorious São Benedito of the city of Teresina ; and the documents on the construction of the Church of São Benedito.

**KEYWORDS:** Party, Brotherhood of Saint Benedict, Blacks.

As festas, os jogos e outras cerimônias surgiram como culto externo realizado pelo homem, em honra um espírito ou deus protetor, como forma de agradecer ou pedir por suas plantações. Com a ampliação do cristianismo, as cerimônias em nome dos deuses se transformaram para adequarem-se à Igreja, e esta, por sua vez, determinou os dias dedicados ao culto do divino, apontando quais seriam os dias de festa durante o ano eclesiástico. Essas festas foram distribuídas em dois grupos: as festas do Senhor [Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida] e os dias comemorativos dos santos [apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros]. Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras de menor proporção aos domingos, por isso chamadas Domingas. [PRIORE, 1994, p. 13]

A festa misturava estilos, sons, partituras, e corpos. [PRIORE, 1994, p. 13] A festa religiosa pode ser vista como uma bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão. [BRANDÃO, 1989, p. 13] Uma espécie de caldo cultural da vida cotidiana, na qual se misturavam indivíduos de várias condições sociais, vários credos e várias raças, isso dava a festa uma extensão sacro-profana, como se dentro de cada festa religiosa existisse uma profana e vice-versa. A festa poderia desfazer, por alguns momentos, as diferenças entre brancos e negros, senhores e escravizados, pobres e ricos. [PRIORE, 1994, p. 44]

As festas assumiram importância fundamental para o estudo do cotidiano brasileiro. Vários documentos referentes às festas brasileiras no período colonial demonstram como elas eram necessárias para o convívio na colônia, e posteriormente no império. Esses documentos são relatos de viajantes, iconografia, estudo dos folcloristas, cartas jesuíticas. Toda essa multiplicidade de fontes passou a ser vasculhada pelos historiadores brasileiros para se construir novos trabalhos. Durante os anos 1980 e 1990, a historiografia brasileira começou a desenvolver com maior intensidade pesquisas sobre as festas. Os historiadores brasileiros foram influenciados pelos historiadores franceses e pela ampliação de novos eixos temáticos produzidos pela História Cultural. Além da influência da escola francesa, a historiografia brasileira dialogou com a micro – história italiana e com a corrente anglo-saxônica. [PEDRAZANI, 2010, p. 87] Alguns trabalhos foram produzidos sobre a temática e servem de referência para o estudo de festas, como a publicação organizada por Jancsó e Íris Kantso, *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*, o trabalho de Mary Del Priore, *Festas e utopias no Brasil colonial*, a obra *A morte é uma festa* de João José Reis.

A festa foi referência básica de identidade étnica e também escrava, desde que se entenda que identidade não é um ponto fixo da experiência de um grupo, como não é do indivíduo. A identidade também muda e é múltipla. Desse modo, as festas constituem um meio de expressão da resistência escrava e negra, e, portanto motivo de preocupação branca.

As autoridades poderiam ver a festa através de dois ângulos, o primeiro, encarando-a como um ensaio para a revolta, [re] juízo para a produtividade escravista. O segundo como elemento pacificador das tensões do escravismo, distração saudável da faina escravista. [REIS, 2001, p. 340]

Durante os anos 1980 e 1990, a historiografia brasileira começou a desenvolver com maior intensidade pesquisas sobre as festas. Os historiadores brasileiros foram influenciados pelos historiadores franceses e pela ampliação de novos eixos temáticos produzidos pela História Cultural. Além da influência da escola francesa, a historiografia brasileira dialogou com a micro – história italiana e com a corrente anglo – saxônica. [ PEDRAZANI, 2010, p. 87].

Alguns seminários sobre a temática foram realizados no Brasil durante essa década, como o organizado por István Jancsó e Íris Kantso em 1999, e que posteriormente originou a publicação *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. Outros autores também se destacaram no estudo sobre as festas no Brasil, como Mary Del Priore, e seu trabalho *Festas e utopias no Brasil colonial*, onde a mesma analisou as chamadas festas – concessões, consentidas e estimuladas pelo Regente Português ou mesmo pela Igreja Católica, para sancionar seus poderes e fazer à população da colônia obediente. [ PEDRAZANI, 2010, p. 88]. A autora destaca a participação das populações indígenas e africanas, e como elas criavam traços particulares de suas culturas e como davam um novo sentido aos eventos festivos. Cada uma dessas manifestações tinham vida própria e significado peculiar, sendo entendida como uma válvula de escape e repositório imenso de culturas e tradições, espaço para a revolta ritualizada, território de símbolos que anuncia a insatisfação social. [PRIORE, 1994, p. 128].

O autor João José Reis explorou em *A morte é uma festa*, a temática da morte como uma festividade para a população da Bahia no século XIX. Ele abordou a conduta humana diante dos rituais da morte, sobretudo as cerimônias fúnebres, considerando que eram festas onde existia o convívio entre o sagrado e o profano. [REIS, 1991, p. 15]. Os folcloristas brasileiros também se debruçaram sobre o estudo das festividades, como: Câmara Cascudo, Sílvio Romero, Mello Moraes Filho, que produziram verdadeiros “diários etnográficos”. [PEDRAZANI, 2010, p.88]. Em *Festas e Tradições populares do Brasil*, Mello Moraes Filho faz a descrição de várias festas da cultura popular como a Festa do Divino, a festa de São João e a Coroação dos Reis do Congo. Seu estudo serviu de inspiração para autores como Gilberto Freyre nos anos 1930, historiadores contemporâneos como Martha Abreu, e também influenciou a escrita dessa dissertação, pois a partir da descrição das festas, algumas vivências culturais e identitárias foram se tornando mais claras, sendo possível assim estabelecer algumas proposições acerca da sociabilidade dos escravizados. [PEDRAZANI, 2010, p.88].

A festa foi referência básica de identidade étnica, desde que se entenda que

identidade não é um ponto fixo da experiência de um grupo, como não é do indivíduo. A identidade também muda e é múltipla. Desse modo, as festas constituíram um meio de expressão da resistência, e, portanto motivo de preocupação branca. As autoridades poderiam ver a festa através de dois ângulos, o primeiro, encarando-a como um ensaio para a revolta, [re]juízo para a produtividade escravista. O segundo como elemento pacificador das tensões do escravismo, distração saudável da faina escravista. [REIS, 2001, p. 340].

Observamos, dessa forma, quais as atividades lúdicas desenvolvidas pelos negros, a partir da análise da função que a Irmandade de São Benedito, na cidade de Teresina na segunda metade do século XIX, desenvolvia nas sociabilidades em que eles estavam inseridos. A relevância da análise dessas manifestações religiosas se dá por meio da tentativa de perceber as várias facetas das cerimônias que se desenvolvem e se propagam no interior das festividades religiosas das irmandades de homens pretos.

No que diz respeito ao levantamento das fontes, recorreremos às fontes primárias, existentes no Arquivo Público do Estado do Piauí, onde concentramos a pesquisa em virtude à maior disponibilidade de fontes. O documento utilizado como base é o Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina, transcrito e articulado com a bibliografia.

Pretendemos fazer a relação entre a festa devocional da Irmandade de São Benedito e a experiência vivida pelos sujeitos participantes e praticantes dela, observando-a com o intuito de descobrir aspectos da sociabilidade de seus associados neste evento que homenageava suas devoções. Tentamos compreender o porquê dos negros associarem-se a irmandades, analisando as possibilidades deles transformarem o espaço da festa em local de autonomia, onde poderiam vivenciar uma liberdade maquiada.

As Irmandades, desde sua criação na Idade Média, tinham como característica o exercício e o controle de seus membros, com o objetivo promover a devoção de um santo através de seu culto e da realização de uma festa. As funções principais das irmandades eram assistenciais: hospitalização de doentes, dotes a órfãs, empréstimos para a compra de alforria, assistência religiosa, e garantir um enterro descente. [MATTOSO, 1988, p.149].

Os leigos formavam confrarias, que se tornaram irmandades, onde podiam reunir membros de diferentes camadas sociais, com laços de solidariedade e organizavam-se com o fim de participar das atividades religiosas e solidárias. Eram dotadas de estatuto tanto civil quanto religioso e a principal característica no início do século XIX era sua autonomia. Através da mesa administrativa procuravam gerir todos os seus negócios e decidiam sobre todas as questões internas e externas da Irmandade. A principal atribuição da Mesa Administrativa era representar a Irmandade e administrar todos os seus negócios internos e externos. Entre os

principais deveres da Mesa Administrativa, além das questões religiosas, ela tinha o dever de promover a educação dos órfãos, filhos dos irmãos indigentes, buscar a liberdade dos irmãos cativos, passar as ordens necessárias para o cumprimento do compromisso, e fiscalizar o cumprimento dos deveres de cada um dos irmãos. Todos os anos, impreterivelmente, se nomearão novos irmãos dos quais se comporá a Mesa da Irmandade. [WEBER, 2009]

As manifestações e a organização de procissões, festas, coroação de reis e rainhas também faziam parte do cotidiano dos irmãos dessas confrarias. Elas eram uma mistura de música, dança, ritos religiosos, fogos, barracas de comida e batuques, local oportuno para os negros manifestarem-se. [ABREU, 1994, p. 183-203] As festividades dos Padroeiros das irmandades eram o ápice da vida religiosa da instituição, durante a festividade, segundo o compromisso, eram sorteados os irmãos que teriam sua carta de alforria comprada pela irmandade. [WEBER, 2009]

A religião sempre foi muito importante no Brasil através dela criaram-se mecanismos de controle social, utilizado pela classe dominante para conter a população pobre. O século XIX, no Brasil, recebeu a herança do catolicismo barroco, um catolicismo que se caracterizava por elaboradas manifestações externas da fé, com missas celebradas por vários padres, acompanhadas por corais e orquestras, templos grandiosamente decorados, procissões cheias de alegorias, e festas onde as populações de várias condições sociais alegravam-se com música, danças, e fogos de artifício. [REIS, 1991, p. 49]

No período colonial existia a preocupação em cristianizar os homens submetidos ao cativeiro, como meio de controlar e domesticar seu espírito. Dessa forma, a Igreja dava subsídio ao Estado escravocrata racista, por meio da prática da catequese, entregava aos senhores um negro obediente, submisso, e dependente. Segundo Kátia Mattoso, as Irmandades serviam para formar um elemento de coesão social, e também eram reguladoras de comportamentos e de relações sociais. [MATTOSO, 1988, p.149] Sendo assim, espaços fundamentais para o exercício da fé, da resignação, da disciplina e da aceitação das diferenças presentes na sociedade escravista. [WEBER, 2009]

A partir da descrição do Compromisso da Irmandade de São Benedito em Teresina, foi possível resgatar esses espaços, algumas vivências culturais e identitárias dos negros, e interpretar as sociabilidades dos escravizados nessa irmandade. Entendemos, assim, que os conceitos de cultura e identidade, podem ser compreendidos, juntamente com os valores compartilhados entre indivíduos por meio de suas relações sociais. [BURKE, 1999, p. 21] Não pretendemos neste trabalho enumerar e confrontar os conceitos de cultura, mas apenas destacar algumas discussões sobre o tema, assim como aponta Peter Burke:

A história da cultura incluiu agora a história das ações ou nações

subjacentes à vida cotidiana. O que se costumava considerar garantido, óbvio, normal ou “senso comum” agora é visto como algo que varia de sociedade a sociedade e muda de um século a outro, que é “construído” socialmente e portanto requer explicação e interpretação social e histórica. [...] Minha noção de cultura levou em conta o cotidiano. [BURKE, 1999, p. 22]

Peter Burke, também faz uma colocação pertinente que questiona sobre a conotação da festa, insinuando ser a festa um elemento de equilíbrio social admitindo nelas que houvesse purgação dos ressentimentos e ressarcimento das frustrações dos grupos subalternos:

[...] a festa como um fenômeno cultural bem demarcado, um tempo coletivo em que explosões vêm à tona como uma catarse, com estatuto de categoria histórica, bastante bem circunscrita. [...] As festas são partes constitutivas da sociedade colonial. Teriam elas conotação de “controle social” ou “protesto social”? Suas funções se limitariam à diversão, pausa das tarefas cotidianas, tempo de compartilhamento entre pessoas dos diversos estratos sociais, “ocasião de êxtase e liberação”, “válvula de escape”? [BURKE, 1999, pp. 223-226]

Baseamo-nos nas arguições de Certeau quando observa a vida cultural de grupos sociais submetidos a um processo de dominação, abordando que os receptores culturais não são necessariamente passivos, pois podem ressignificar os produtos e os valores culturais, através de táticas de praticantes que subvertem o sentido original de uma produção. [CERTEAU, 1996, p. 41]

O estatuto da Irmandade foi analisado meticulosamente, dando atenção aos detalhes do documento, para que nenhum ponto fosse descuidado. O Compromisso que encontramos está sob o título *Irmandade do Glorioso São Benedicto de Therezina*, é composto de 45 artigos distribuídos em 12 capítulos, nos quais se dispõem as formas de organização e funcionamento da irmandade como um todo, bem como as regras para acesso e permanência daqueles que propõem-se a participar da congregação. Os capítulos do compromisso se distribuem de forma a explicar as formas de acesso a novos membros, as eleições, as obrigações dos cargos administrativos [escrivão, secretário, capelão, tesoureiro, andador], as formas de realizar festividades, a administração financeira, e o compromisso da irmandade com os ritos fúnebres.

As irmandades, as guildas de artesãos e as confrarias<sup>1</sup>, foram criadas na

---

1. Mesmo com várias denominações neste trabalho nos referimos a Confrarias, Irmandades e Agremiações em um mesmo sentido, entendendo como grupos de leigos que se reuniam em devoção ao santo padroeiro da comunidade.

Europa no final da Idade Média, como produto da desestabilidade daquele período, da precária segurança, e das doutrinas de São Francisco e São Domingos, no qual a pobreza não era um objetivo, mas um instrumento pelo qual se podia obter a purificação para a habitação de Deus no interior de cada um e para a perfeita comunhão com o semelhante. Eram instituições que reuniam muitos cristãos e tinham o objetivo de prestar socorro espiritual e social, e praticar obras de caridade. No início foram concebidas em torno de concepções semelhantes às corporações de ofício, separadas por profissões. [WEBER, 2009.]

Para que tais associações funcionassem, era preciso que seus fundadores negociassem com os representantes do Estado e da Igreja, aos quais eram enviadas correspondências que solicitavam a aprovação do estatuto que regulava os direitos e os deveres dos associados. As confrarias fizeram parte da história europeia e manifestaram-se em diversas regiões: Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e Portugal. [BORGES, 2005, p. 44]. Nosso objetivo não é investigar profundamente as origens das Confrarias, mas apenas delinear essa problemática em linhas gerais, com o intuito de contextualizar a temática para o leitor.

As primeiras irmandades que surgiram em Portugal foram a Ordem Terceira de São Francisco [1289], a Confraria dos Homens-Bons [1297] e a Irmandade da Imaculada Conceição [1346]. No século XV, as Irmandades católicas das cidades espanholas e portuguesas passaram a ter entre seus membros negros escravizados trazidos da África. [WOOD, 2005, p. 191]. Em Lisboa, no monastério dominicano de São Domenico, em 1460 foi fundada a primeira confraternidade de africanos libertos e escravizados. Em 1498 surgiu a *Irmandade da Misericórdia*, por iniciativa de um grupo leigo sobre a proteção de D. Leonor, um frade trinitário, e D. Manuel, rei de Portugal. As irmandades estenderam-se por toda a Europa, e com a expansão ultramarina, os espanhóis e portugueses levaram esta instituição à África, Ásia e Américas, com um modelo baseado na solidariedade entre irmãos. [BORGES, 2005, p. 49].

As irmandades instituídas na América Portuguesa seguiam o modelo de seus estatutos semelhante à metrópole. Eram similares, inicialmente as corporações de ofício, e durante o século XVIII passaram a ser Irmandades do Santíssimo Sacramento. Gilberto Freyre chegou a concluir que o estudo deste tipo de instituição possibilitava o entendimento das questões de raça, classe e região inerentes à formação brasileira. [FREYRE, 2000, p. 500].

Os portugueses implantaram no Brasil diversas organizações, como as Corporações de Ofícios, que possuíam o objetivo de proteger os irmãos de uma mesma categoria profissional. Contudo, não foram a forma predominante de associação de ajuda mútua, as irmandades e as ordens terceiras possuíram relevância maior. As irmandades promoviam o culto católico e a proteção de seus membros, bem como a assistência a enfermos, velhos e irmãos pobres, acompanhava funerais

e cuidava das almas por meio da celebração de missas. [BORGES, 2005, p. 53]. As primeiras irmandades do Brasil foram as de homens pretos no Rio de Janeiro, em Belém e na Bahia, no século XVII, e eram compostas em sua maioria por centro – africanos. [WOOD, 2005, p. 567-602].

A Irmandade do Glorioso São Benedito de Teresina foi criada em 6 de janeiro de 1861, e seu estatuto aprovado pelo governo da Província do Piauí em 1865, conforme a resolução nº. 587.

Aprovado o compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito desta cidade.

Flanklin Américo de Meneses Dória, Presidente da Província do Piauí. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial, Decreta e sanciona a resolução seguinte.

Título único Fica aprovado o compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito de Teresina, capital do Piauí, na forma abaixo transcrita, revogadas as disposições em contrário. Compromisso que deve reger a Irmandade do Glorioso São Benedito de Teresina, capital do Piauí. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº 587, Teresina, 28 de agosto de 1865]

O Compromisso sob o título Irmandade do Glorioso São Benedito da capital do Piauí data de 28 de agosto de 1865, é composto de 40 artigos distribuídos em 12 capítulos, que se apontam as formas de organização e funcionamento da irmandade como um todo, bem como as normas para acesso e permanência dos membros. Os capítulos do Compromisso distribuem-se de forma explicativa, com o desígnio de não deixar nenhuma dúvida sobre as formas de ingresso dos membros, as eleições, obrigações dos cargos administrativos [provedor, secretário, tesoureiro], as formas de realizar festividades, e a obrigação da irmandade com os ritos fúnebres.

A irmandade de São Benedito na cidade de Teresina era representada por três devotos irmãos, e tinha o objetivo de louvar e festejar o dia do padroeiro, edificar um templo para realização de celebrações e libertar um irmão escravizado anualmente. A irmandade admitia pessoas livre e escravizadas.

Artigo 1º A Irmandade do Glorioso São Benedito, criada no dia 6 de janeiro 1861, e instalada no mesmo dia, sob os auspícios Mentor Revendo arcepreste vigário Mamede Antonio de Lima na Igreja Matriz desta cidade, representada por três devotos irmãos; a saber, um Provedor, um Tesoureiro e um Secretário; é a reunião de escravos com consentimento de seus senhores ditos propriamente – irmãos – e de pessoas livres sob o título de – irmãos devotos - e tem por fim.



1º Louvar e festejar todos os anos ao Glorioso Santo ao dia 5 de janeiro com as jóias que derem os mesários e juízes para ser eleitos.

2º Inaugurar uma capela ao seu Glorioso Patrono, conforme for sendo compatível com as suas forças.

3º Libertar anualmente, e quando as circunstâncias permitirem, um irmão cativo, designado pela sorte, que se tirará um dia de festa de uma urna mês estarão os nomes de todos, por um menor e com a maior publicidade possível. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Grupo: 15ª Legislatura, Código de Leis Piauienses, Termo 23 Parte 1ª Sessão 75, Resolução nº 587, Publicação a 28 de agosto de 1865, Aprovado o compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito desta cidade].

Os membros das irmandades refletiam a natureza heterogênea da população negra do Brasil Império. As condições impostas a um candidato, comuns a todas elas, era que fosse temente a Deus, de bom caráter e que pagasse regularmente sua contribuição anual. [WOOD, 2005, p. 202]. Para ser admitido na irmandade de São Benedito na cidade de Teresina era necessário que os escravizados apresentassem a aprovação de seus senhores e pagassem uma joia de mil reis e a uma anuidade de trezentos e vinte reis. Aos irmãos livres novos era cobrada uma joia no valor de cinco mil reis e uma anuidade de mil reis, aos veteranos era obrigado a pagar somente a anuidade. Os irmãos que deixarem de cumprir suas obrigações, se mostrarem insubordinados, desleixados, ou faltarem ao pagamento das anuidades por mais de dois anos sem motivo, eram eliminados da mesma por deliberação do provedor.

As irmandades foram um meio pelo qual de seus associados reinventaram suas existências e transgrediram hierarquia e valores do catolicismo e da escravidão. [EUGÊNIO, 2010, p. 21]. Tinham como característica o exercício e o controle de seus membros, com o objetivo promover a devoção de um santo através de seu culto e da realização de uma festa. As festas organizadas por elas eram o ápice da devoção e da solidariedade, mistura de música, dança, ritos religiosos, fogos, barracas de comida, batuques, se configurando como local oportuno para os negros manifestarem-se. [BORGES, 2005]. Parecia oscilar entre dois pólos: a cerimônia [como forma exterior e regular de um culto] e a festividade [como demonstração de alegria e regozijo]. [AMARAL, 1998, p. 44]

Os motivos para os negros associarem-se à Irmandade de São Benedito em Teresina eram primeiramente de adquirir auxílio na doença, na invalidez e na morte, pois esta pretendia garantir a posição do indivíduo após seu falecimento, quer enterrando seu corpo, encomendando sua alma, cuidando da educação de seus filhos, dando assistência a sua viúva [caso possuísse esposa ou filhos] ou garantindo o paraíso eterno. Outro motivo para associarem-se à Irmandade era poderem inserir-

se na sociedade por meio do espaço lúdico por ela fornecido durante a festa dedicada ao orago [Patrono, orago ou padroeiro é um santo ou anjo a quem é dedicada uma localidade, povoado ou templo. A palavra orago é derivada de oráculo]

Artigo 33º A irmandade acompanhará até a sepultura os irmãos que falecerem, seus ascendentes ou descendentes em linha reta; e aos irmãos indigentes fará o enterro, com o qual não poderá desprender mais de vinte mil reis. Artigo 34º As pessoas que não forem irmãos podem ser acompanhadas aos seus jazidos dando, quem nisto interessar, uma esmola de 8 mil reis para a despensas da irmandade [...] Artigo 37º Todos os anos do dia dois de novembro inclusive em diante, e em dias intercalados, de três, se mandará dizer, se mandará dizer uma capela de missa pelos irmãos finados, e em intenção dos vivos. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

Os ritos que compunham as irmandades, os mitos que veiculavam e os símbolos que ostentavam, ofereceram oportunidades aos negros de instituírem e concretizarem uma identidade formada a partir da escravização e da integração à sociedade senhorial, na qual elementos de origem portuguesa, como as irmandades religiosas, foram recheados de simbolismos e significados que uniam os africanos, seus descendentes e seus ancestrais, a suas terras natais. [SOUZA, 2001, p. 255] Na ocasião da festa, a comunidade negra se afirmava como portadora de cultura e história própria, mesmo tendo seguido formas portuguesas para propagar valores africanos. [SOUZA, 2001, p. 258]

Durante a organização e a realização das festas devocionais, os irmãos devotos reelaboravam, em parte, seu mundo, pois conseguiam sair, mesmo que transitoriamente, da sua condição de excluídos sociais. As irmandades, por meio da realização das festas, assembléias, eleições, funerais, missas e da assistência mútua, construíram identidades sociais expressivas, no interior de uma sociedade excludente. As irmandades de cor significavam uma oportunidade para homens e mulheres conseguiam se sentir menos oprimidos, construindo um mundo análogo ao da sociedade escravista. [CRUZ, 2007, p. 5]

As festas religiosas exerciam o papel de aproximar a população teresinense, como se fosse um intercâmbio cultural. Constituíam-se como um espaço de inserção do negro na sociedade e local para a formação de uma identidade sociocultural. A população negra ressignificava os produtos e os valores culturais, através de táticas que subvertem o sentido original de uma produção, se apropriando da festa de São Benedito para expressar a sua cultura. [CERTEAU, 1996] Assim, acreditamos

na possibilidade de sujeitos anônimos abrirem o ser próprio caminho dentro de práticas culturais impostas pela sociedade senhorial. [CERTEAU, 1994].

Havia vários sentidos nas funções aparentemente irrelevantes da festa, dando persistência a certas maneiras de pensar, de ver e sentir. A mistura entre sacro e profano valia para diminuir e caricaturizar o pagão, o inculto, o diferente do europeu branco e civilizado. Os mitos pagãos eram assim esvaziados e recuperados para serem vivenciados exclusivamente como parte da festa. A América e a África, continentes recém explorados, eram retratados de acordo com os objetivos de colonização: escravos, pedras preciosas, aventuras, fêmeas disponíveis – em tudo deviam parecer um espaço de concupiscência sonhada e de riquezas. O negro e o índio associavam-se ao perigo e ao mal e confundiam-se com jacarés, cobras e dragões sobre os quais iam montados. Na sua estranheza aparecem também como o avesso da civilização ocidental cristã. Sua maneira de vestir-se apenas com penas e adereços justificava sal inferioridade técnica e, por conseguinte, a sua escravidão. Na ‘festa-dentro-da-festa’ que é a procissão, percebe-se um canal eficiente de circulação de ideias entre colonizados, colonizadores, vencidos e vencedores, tristes e alegres. [PRIORE, 1994, pp. 49-50]

As festas, mesmo sendo projetadas pelos brancos como um mecanismo de controle, constituíram-se como um instrumento de identidade e solidariedade coletiva, [CRUZ, 2007, p. 5] pois representavam para o negro um momento de esquecer-se do cotidiano marcado pelo trabalho árduo e promover uma ruptura, mesmo que pequena, na ordem estabelecida. Além de manifestações da cultura e alegria as festas podem ser interpretadas como momento de transgressão à ordem e ocasião para questionar a sociedade vigente e afirmar seus valores culturais e religiosos.

Os negros poderiam subverter-se não apenas através da violência ou por meio das fugas, eles poderiam embriagar-se e andar na rua em horários que iam contra os códigos de postura da cidade de Teresina: “Tenho a honra de levar a conhecimento de Vossa Excelência que ontem foram presos, por embriaguez e distúrbios os indivíduos – Cândido Pereira de Matos, e Luis, liberto.” [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Secretária de Segurança Pública. 1885] O sujeito negro, dentro da festa em homenagem a São Benedito, não participa só dos rituais da igreja católica inerte, ele analisa, aprende, compartilha, se expressa, conquista, temporariamente, sua liberdade. A festa tornava-se um “espaço para a revolta ritualizada, territórios, de símbolos que anunciam a insatisfação social.” [PRIORE, 1994, p. 128]

Os diversos segmentos sociais contaminavam-se com o sentimento participativo

da festa, como numa espécie de caldo cultural da vida cotidiana, segundo Mary Del Priore, na qual se misturavam indivíduos condições e credos diferentes. Essa abertura dava a dimensão sacro-profana contida nos festejos de rua, desfazendo sensivelmente e momentaneamente as querelas entre brancos e negros, senhores e escravizados, pobres e ricos. [PRIORE, 1994, p. 14] A cidade em festa era um espetáculo ilusório de uma combinação de corpos, de gestos, de vestimentas e de situações. [BRANDÃO, 1989, p. 13]

A elite senhorial ainda procurava participar das irmandades de cor não só como devotos sinceros do Santo, mas também como forma de manter o controle sobre os negros. Estes os aceitavam por diversos motivos: pela falta de instrução dos membros, para cuidar dos livros, para receberem doações generosas, pois não tinham como sustentar sozinhos a irmandade, ou ainda por imposição. Verificamos essa premissa na Irmandade de São Benedito em Teresina, pois essa foi fundada inicialmente na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, sob o olhar de toda a sociedade teresinense, observamos também a participação de irmãos não escravizados através de um artigo do Compromisso da Irmandade, sendo estes preferíveis para assumir o cargo de juiz, mesário, andador e zelador.

Artigo 13 ° A irmandade reunir-se-á, além dos casos extraordinários, todos os anos na terceira domingo de dezembro para fazer a sua eleição anual, a qual constará de quatro juizes, doze mesários, três andadores e um zelador, não podendo recair esta eleição se não em irmãos escravos; sendo, porém permitido aos irmãos livres qualquer destes cargos, se, por devoção, o pedirem, sendo neste caso preferíveis. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

Dessa forma, observamos que mesmo a sociedade apresentando determinadas estratégias, [SOARES, 2000, p. 166] regras e limites de conduta à população negra para a formação de grupos como as Irmandades, estes sujeitos aprenderam a mover-se no interior dessas regras, criando atalhos e táticas de convivência e contestação de acordo com a situação que era imposta. As Irmandades eram uma das poucas vias de ingresso à experiência da liberdade, do reconhecimento social e à possibilidade de formas de gerência, dentro do sistema escravista. [SOARES, 2000, p. 166] Para a Igreja, as irmandades, possivelmente, eram um espaço para a doutrinação coletiva, para o Estado uma forma de manter a ordem, e para os Negros uma forma de autonomia relativa.

O interesse comum entre Estado e Igreja tornava as festas simultaneamente sagradas e profanas. [AMARAL, 1998, p. 69] Podemos observar que as festas

preparadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros confundiam as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas [dança, fogos, barracas de comida, batuques] como nas que eram realizadas dentro das igrejas [liturgia]. Além das missas seus sermões, novenas e procissões, eram também partes importantes as danças, coretos, fogos de artifício e barracas de comidas e bebidas. [ABREU, 1999, p. 34]

As festas sagradas e profanas caminhavam juntas, dentro de cada festa religiosa existia uma profana e vice-versa. [PRIORE, 1994, p. 19] Segundo Mello Moraes, a música sacra das festas religiosas embaralhavam-se com ritmos, numa mostra de que os territórios entre sacro e o profano, o popular e o erudito não estavam constituídos. [MORAIS FILHO, 2002] As danças profanas surgiram nas festas religiosas como resíduo da catequese jesuítica; a Igreja permitia que os índios e os negros dançassem, pois a dança era vista como uma forma de agradar a Deus. Após do Concílio de Trento, essas danças se tornaram um dos meios mais enriquecedores e ornamentados acrescido ao culto católico. [AMARAL, 1998, p. 72]

Segundo Mircea Eliade, [ELIADE, 1992] historiador das religiões, a primeira condição para se compreender as concepções sobre sagrado e profano, é considerar o homem um ser essencialmente religioso para quem Deus não é uma ideia ou uma noção abstrata, e sim um poder que pode se manifestar. A partir dessa constatação é possível perceber o papel das religiões em todas as sociedades e o poder que elas exercem sobre a visão de mundo dos diversos grupos sociais. Deste modo, sagrado e profano formam duas modalidades de ser no mundo, dois estados existenciais assumidos pelo ser humano no transcurso de sua história. [ELIADE, 1992]

Existiam vários significados nas funções aparentemente irrelevantes da festa, dando constância a certas maneiras de pensar, de ver e de sentir. A mistura entre o sacro e o profano valia para diminuir e caricaturizar o pagão, o inculto, o diferente do europeu branco e civilizado. [PRIORE, 1994]

O sagrado se opõe ao profano, na primeira definição de Mircea Eliade, de tal modo que, o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta como diferente do profano. O sagrado e o profano como realidades opostas, tornam-se perceptíveis e visíveis em espaços como as Irmandades, onde percebemos tanto os ritos iniciais; a liturgia da palavra; a liturgia eucarística e os ritos finais da celebração, como percebemos uma mistura de corpos, de danças e sons nas festas externas ao templo religioso. [ELIADE, 1992]

Comungamos com a discussão de Mircea Eliade quando este discorre que toda festa religiosa é um acontecimento sagrado, fundamentado no tempo mitológico, no qual os participantes se tornam presentes do acontecimento mítico. [ELIADE, 1992, P. 75] Mas é preciso ter cautela com esta afirmação, pois embora os festejos fossem anuais, não formavam um arcabouço rígido e fixo. Mesmo as festividades tendo estruturas formais, elas sofriam a inconstância dos seus elementos, onde

estes podem tanto desaparecer, surgir, ressurgir e incorporar novos elementos. [VOVELLE, 1991, p.251]

Após todo esse percurso para compreender o porquê dos negros associarem-se a irmandades e as possibilidades deles transformarem o espaço da festa em local de autonomia, podemos encontrar agora os aspectos da sociabilidade de seus associados durante os eventos por eles organizados para homenagear seu santo de devoção, através das pistas deixadas no Compromisso da Irmandade de São Benedito em Teresina.

Segundo Monsenhor Chaves o calendário festivo da cidade de Teresina era composto por três grandes momentos: as de expressão religiosa, as festas que exaltavam o caráter cívico da nação e as de cunho popular. [CHAVES, 1998] A festa de cunho cívico da nação era a festa da Independência do país comemorado no dia 07 de setembro. As festas de caráter popular eram bumba-meu-boi, congadas e batuques.

As festas de cunho religioso eram as de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Amparo, Semana Santa, os festejos de Nossa Senhora Imaculada Conceição e a festa do Divino Espírito Santo. Na igreja de Nossa Senhora do Amparo, entre a década de 1860 e 1870, celebravam-se, além da festa da padroeira da cidade, as festas das Irmandades que se instalaram naquele templo: a Irmandade do Santíssimo Sacramento, [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 554. Compromisso da Irmandade do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora do Amparo da cidade de Teresina. Publicada em 28 de julho de 1864] a Irmandade do Senhor dos Passos, [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 613. Compromisso da Irmandade do Senhor dos Passos de Teresina. Publicada a 16 de outubro de 1867] a Irmandade da Santa Cruz dos Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo, [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 709. Compromisso da Irmandade da Santa Cruz dos Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo de Teresina. Publicada em 11 de setembro de 1871] e a Irmandade de São Benedito. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

A Igreja Católica convidava as autoridades a comparecerem aos eventos religiosos e festivos organizados por ela. Em 1884 presidente da província, Emygdio Adolpho Victorio da Costa, foi convidado a participar da festa de Corpus Christi na igreja de Nossa Senhora do Amparo.

Tenho a honra de convidar Vossa Excelência para abrilhantar com sua presença a festa de Corpus-Crist no dia 12 do corrente ano, às 9 horas pela manhã, na igreja de Nossa Senhora do Amparo. Rogo a Vossa Excelência que se designe de fazer este

convite extensivo à Assembléia Legislativa provincial e as diversas repartições públicas da capital, assim como mandar postar no indicado dia a musica do corpo policial e uma guarda de honra na frente da referente igreja para os devidos fins.

[ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Conselho Municipal de Teresina. 1881-1970]

Na igreja das Dores era realizada a festa em devoção à sua padroeira de devoção, a festa do mês Mariano, com missas cantadas, procissões que percorriam as ruas da cidade, e leilões. Também comemorava-se a festa da Irmandade que instalou em suas dependências, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 598. Compromisso da Santa Casa de Misericórdia de Teresina. Publicada em 6 de agosto de 1866] Segundo Maria Mafalda Baldoíno de Araújo, a população “desclassificada” aguardava as festividades religiosas com simpatia, as festas de São João, São Pedro, Santo Antônio e São Sebastião eram comemoradas, pois elas proporcionavam esquecer-se do cansaço e das condições de miséria em que viviam. [ARAÚJO, 1995]

A grande maioria dessas festas realizadas nas paróquias de Teresina, na metade do século XIX, eram animadas pelo corpo de música da policia, conforme o a resolução publicada em maio de 1880.

Art. 1º O preço do serviço da musica do corpo de policia nos atos particulares será regulado a forma da tabela junta e o pagamento será efetuado previamente ao respectivo comandante no ato de ser a mesma musica contratada [...] Art. 4º A música não poderá tocar gratuitamente em atos particulares, nem deverá sair do quartel para eles sem que fique entregue ao comandante do corpo a importância, porque tiver sido contratada, salvo as festas religiosas, abandonadas a igreja pelos festeiros, as festas de corpus-christi e natal, precedendo ordem da presidência. Deverá porém tocar em todos os atos públicos e nos em que determinar o presidente da província. Art.5º Fica rigorosamente proibido aos músicos do corpo de policia tocarem por conta própria em qualquer atos ou festas particulares, e são obrigados a comparecer diariamente aos ensaios das 10 horas da manhã ao meio-dia. [Regulamento nº. 88. Publicado em 6 de agosto de 1880. Trata sobre arrecadação do rendimento da muzica do corpo policial. Firmino de Souza Martins, vice-presidente da província do Piauhy, autorizado pelo art. 7 da resolução provincial nº. 99 de 31 de maio deste anno manda que se observe o seguinte regulamento para a musica do corpo policial, p. 39]

A festa anual em devoção ao Santo das Irmandades católicas durava dias e até

mesmo semanas. Durante as semanas que antecediam a comemoração barracas eram montadas para a venda de comida, bebida e animais, os músicos afinam seus instrumentos e a população prepara suas roupas. Antes da data estabelecida pela irmandade para comemorar o dia do Santo, começava-se a arrecadar fundos para a realização desta. Em grande parte das irmandades esses fundos eram angariados por meio de vários tipos de contribuição: a taxa de inscrição, a contribuição anual e uma variedade de contribuições suplementares habitualmente chamadas de “esmolas”. [SOARES, 2000]

A comida integrava também a festa em forma de óbolo, destacando as diferenças entre quem dá e quem recebe a esmola. O grupo, mesmo aquele composto por escravos, usava a festa para demonstrar que a abundância era, naquele momento, seu apanágio. A esmola, por sua vez, tem também uma função na festividade. Aliás, grande parte das festas religiosas começavam com o recolhimento de doações pedidas pelos irmãos das confrarias e irmandades. As pranchas dos viajantes estrangeiros no Brasil no início do século XIX, como Debret e Rugendas, atestam essa tradição: mulheres brancas vestidas, pés no chão, esmolado como forma de pagar uma promessa ou um irmão vestido com a opa da confraria, bandeira numa mão, na outra bandeja de esmolas, angariando fundos para a festa em homenagem ao santo protetor. [PRIORE, 1994, p. 18]

A festa da Irmandade de São Benedito em Teresina ocorria todos os anos no dia 06 de janeiro, nessa ocasião os irmãos manifestavam sua a devoção ao santo protetor através da mistura de música, dança, ritos religiosos, fogos, barracas de comida e batuques. [ABREU, 1994, p. 183- 203] O templo [inicialmente a festa era comemorada nos arredores da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, pois a irmandade não possuía sede própria para manifestar a sua devoção, após a construção da Igreja em homenagem ao Santo, provavelmente a festa passou a ocorrer nesta] transformava-se em cenário para a sociabilidade e, sobretudo, para o lazer, ambos sinônimos de confraternização. [PRIORE, 1994, p. 92]

Conforme o compromisso da Irmandade, era dever do irmão congregado honrar e participar da festa em devoção ao santo: “Ar. 1º § 1º Honrar e festejar todos os anos o Glorioso Santo no dia 6 de janeiro com as jóias que derem os mesários e juízes para isso eleitos”. Era a partir da aceitação do compromisso que os membros da irmandade se comprometiam a venerar o santo padroeiro, mantendo seu culto e promovendo sua festa. [CRUZ, 2007, p. 03-17] A manutenção do seu espaço, do seu prestígio e a sua capacidade de recrutar novos irmãos estava sujeito à capacidade lúdica de cada irmandade, quanto mais grandiosas fossem as celebrações, mais



adeptos iriam aderir a ela. [REIS, 1991, p. 68]

O conjunto de ritos que compunha a festa tinha início uma semana antes do dia do Santo, quando se realiza uma reunião deliberativa sobre esta. Nessa reunião era visto se todas as anuidades tinham sido pagas pelos irmãos, e delegada a responsabilidade pela realização desta ao Procurador, que deveria proceder conforme o decidido.

Art. 16º No dia primeiro de janeiro de casa ano serão obrigados os juízes e mesários a apresentarem em mesa, que é a reunião dos indivíduos constantes do art. antecedente, as jóias à que são obrigados, bem como com os demais irmãos, as anuidades que deverem, e nessa ocasião se deliberará acerca da festividade para qual expedirá o provedor, de conformidade com o deliberado, todas as ordens precisas, a fim de ser feita com a solenidade possível. [[ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

O processo eleitoral da Irmandade de São Benedito em Teresina também ocorria em função à festa. A eleição era realizada em dezembro do ano anterior e publicada apenas no dia 06 de janeiro, onde os eleitos começam o exercício de suas funções:

Art. 18º A eleição feita em dezembro será publicada no dia 06 de janeiro subsequente por ocasião da festa, e os eleitos entrarão em exercício finda ela, pois que nesse dia expiram os poderes da eleição antecedente [...] Art. 26º De três em três anos e no dia da festa do Glorioso Patrono reunida no corpo da igreja, antes da missa toda a irmandade, ou quando maior o número de irmãos for possível reunir, sob a presidência do muito reverendo pároco serão eleitos entre os irmãos devotos os três representantes da irmandade provedor, secretário e tesoureiro. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

Durante os dias da festividade cada membro exercia a sua função. Os zeladores nas ocasiões festivas cuidavam das alfaias e tratavam da limpeza do altar e da capela, e durante a procissão em homenagem a São Bendito deveria levar a cruz da irmandade.

Artigo 12 º Ao zelador compete zelar e ter em sua guarda as

alfaias da Irmandade, que não forem de ouro, ou prata e pedras preciosas, cuidar do asseio do altar e da capela, quando houver do Glorioso Patrono, saber nas solenidades com a cruz da Irmandade e finalmente cumprir as ordens do Provedor no que diz respeito ao serviço da Irmandade. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

As festividades ao padroeiro da irmandade, além de serem o ápice da vida religiosa da instituição, davam oportunidade de irmãos escravos adquirirem a liberdade, segundo o Compromisso, eram sorteados os irmãos que teriam sua carta de alforria comprada pela irmandade: [WEBWE, 2009] “Artigo 1º § 3º Libertar anualmente, e quando as circunstâncias permitirem, um irmão cativo, designado pela sorte, que se tirará um dia de festa de uma urna nesse estarão os nomes de todos, por um menor e com a maior publicidade possível”.

A vestimenta também era um item muito importante no dia de festa. Para vestir-se para ir à celebração ao Santo, era preciso evitar roupas que expunham o corpo de forma escandalosa, fugindo de peças que chamassem atenção para o indivíduo ou para elementos não relacionados com a Liturgia. Os irmãos usavam os paramentos instituídos pelo compromisso, e a população em geral usava suas roupas domingueiras [As “roupas domingueiras” ou “roupa de ver Deus” era a vestimenta repetida, a cada domingo, nas missas católicas e nos cultos evangélicos em geral. Era preciso estar especialmente vestido para “ver Deus”, não com roupas luxuosas e ostensivas embora respeitadas. Estando limpa e bem “engomada”, a roupa “domingueira” - acreditava-se - agradava aos/os olhos de Deus].

Art. 30º A irmandade em todos os seus atos usará de capas pardas e murças pretas de lã, e terá o seu padrão, isto é, cruz e cereais. O provedor usará sobre a murça do lado direito uma pequena imagem do Glorioso Patrono feita de metal precioso à sua custa. [ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Resolução nº. 587. Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina. Publicada a 28 de agosto de 1865]

Levando-se em consideração os aspectos mencionados, podemos concluir que as irmandades se constituíam como instituições legitimadas pelo catolicismo, nos quais as pessoas buscavam um ambiente de seguro e estável naquele momento. Mas deve ser considerado que mesmo sendo membro de uma irmandade, levando o negro a uma maior integração na sociedade, esta relação atenuava a possibilidade de revoltas coletivas. Tanto para a elite senhorial como para a Igreja, um meio de cristianização da população negra.

Devemos lembrar que uma das principais atividades das irmandades era a promoção da vida lúdica, pois elas serviam tanto como mundo análogo ao da sociedade escravista, como uma forma de recrutar novos membros. Portanto, percebemos que a festa além de ser um momento de ludicidade é um fato político, onde a alegria ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, desse modo era um meio capaz de atenuar tensões intrínsecas à diversidade étnica e às diferenças sociais, é uma combinação entre o sagrado e o profano. [PRIORE, 1994, p. 10]

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira: Significados do festejo no país que “não é sério”*. Tese de Doutorado [Doutorado em Antropologia] – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARAÚJO, Maria M. Baldoíno. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina (1877-*

1914). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BORGES, Célia Maria. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BURKE, Peter. *O Renascimento italiano – cultura e sociedade na Itália*. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano 1 :Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultura Monsenhor Chaves, 1998.

CRUZ, Teresa Cristina de Carvalho. *As irmandades religiosas de africanos e afrodescendentes*. In: PerCursos, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 03-17, jan. / jun. 2007.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

EUGÊNIO, Alisson. *Fragmentos de liberdade: as festas religiosas das irmandades dos escravos em Minas Gerais na época da colônia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

KANTOR, Iris (org). *Festas: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, v. 1, p. 340.

MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2ª edição, 1988. p.149.

SOUZA, Marina de Mello e. *História, Mito e Identidades nas Festas de Reis Negros no Brasil – Século XVIII e XIX*. In: *Festas: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, v. 1, p. 255.

MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares no Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

PRIORE, Mary Del. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEDRAZANI, Viviane. *No “Miolo” da festa: um estudo sobre o bumba-meu-boi do Piauí*. Tese [Doutorado em História]. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

REIS, João José. *Batuques negros: repressão e permissão na Bahia oitocentista*. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org). *Festas: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, v. 1, p. 340.

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1991.

WEBER, Silvio Adriano. *Além do cativo. A congregação de senhores e escravos na Irmandade do Glorioso São Benedito da Vila de Morretes, século XIX*. Dissertação [Mestrado em História]. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

## FONTES

### Arquivo Público do Estado do Piauí

#### a) Conselho Municipal

Caixa 242 - Conselho Municipal de Teresina – 1873/1880.

Caixa 301 – Conselho Municipal de Teresina – 1881/1970.

b) Irmandade

Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedito da cidade de Teresina.

Grupo: 15ª Legislatura, Código de Leis Piauienses, Termo 23 Parte 1ª Sessão 75,  
Resolução nº 587, Publicação a 28 de agosto de 1865.

c) Livro de leis e resoluções

Resolução nº. 315 – Teresina –21 de julho de 1852

*Artigo recebido em 17/11/2019, aprovado em 24/11/2019.*